

OS RITUAIS ESCOLARES EM PAUTA: a construção do objeto de pesquisa

SCHOOL RITUALS ON THE AGENDA: the Construction of the research object

Bárbara Virgínia Groff da Silva¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar um caminho de construção de pesquisa que surgiu a partir das vivências de uma professora no Colégio Estadual Cândido José de Godói, localizado em Porto Alegre (RS). A formatura dos estudantes do ensino médio de 2014 foi o mote para a elaboração de uma pesquisa que procurava compreender a historicidade da instituição e das formaturas organizadas no local. Além disso, buscava-se articular aspectos da cultura escolar, rito escolar, sociedade de consumo e sociedade do espetáculo para analisar esse rito de passagem. Constatou-se que, com a entrada da produtora na organização, este rito transformou-se em produtos a serem consumidos e contratados pelos formandos para usufruir no dia.

Palavras-chave: História da educação. Formatura. Ensino Médio. Juventudes.

Abstract: This article intends to present a research construction path that emerged from the experiences of a teacher at the Candido José de Godói State School located in Porto Alegre (RS). The graduation of the high school students of the year 2014 was the occasion for the elaboration of a research that tried to understand the historicity of the institution and the graduation ceremonies organized in that place. Moreover, the research project sought to articulate aspects of school culture, school rite, consumer society and spectacle society to analyze this rite of passage. It found that with the entrance of the producing company in the event's organization this rite became a product to be consumed and contracted by the graduates and enjoyed on that day.

Keywords: History of education. Graduation. High School. Youth.

Como se constrói um objeto de pesquisa? As respostas são múltiplas e dependem da área a ser pesquisada. Este artigo pretende apresentar um caminho de construção de pesquisa em história da educação que surgiu a partir das vivências escolares de uma professora. Trabalhar em um estabelecimento de ensino é estar em contato com diversas possibilidades, sujeitos, vivências, indícios que podem originar diferentes questionamentos e, conseqüentemente, múltiplas pesquisas. Neste caso, o olhar da pesquisadora voltou-se para a história da educação e os rituais escolares, enfocando a formatura dos estudantes do ensino médio.

Para a organização desse texto, optou-se por dividi-lo em duas partes: a primeira destaca a escola e a opção por investigar a formatura, já a segunda parte destina-se aos conceitos que contribuíram na análise como ju-

ventudes, rito de passagem, cultura escolar, rito escolar, sociedade do espetáculo e sociedade de consumo.

1 VIVÊNCIAS DOCENTES: O COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ DE GODÓI

O Colégio Godói está situado na Avenida França, número 400, no bairro Navegantes, zona norte de Porto Alegre (RS). O bairro Navegantes possui uma trajetória industrial e, em conjunto com outros bairros (São João, Floresta, São Geraldo, Marcílio Dias, Humaitá, Farrapos e Anchieta), formava o Quarto Distrito de Porto Alegre.

Uma característica dessa região é sua facilidade de conexão com diferentes localidades, tanto dentro do município de Porto Alegre quanto com as demais cidades da região metropolitana. Devido a isso, sempre foi

¹ E-mail: barbara.vgs@gmail.com.

um espaço de fluxo de pessoas, transportes e mercadorias, primeiro pelo lago Guaíba, depois pelas avenidas, ponte e rodovias. Dessa forma, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, essa zona passou a ser cada vez mais ocupada por fábricas, tornando-se um espaço industrial importante para o estado do Rio Grande do Sul. Importantes empresas surgiram ou se deslocaram para o bairro Navegantes nesse período, como: A. J. Renner, Ernesto Neugebauer e Gerdau².

De acordo com Leila Mattar (2010), as fábricas e indústrias proporcionaram um aumento populacional, e a procura por casas, edifícios e terrenos aumentou com o passar dos anos, tanto que o bairro Navegantes passou a ser chamado de “bairro-cidade” por abarcar estabelecimentos comerciais, recreativos, de serviços, igrejas e templos, escolas, cinemas, associações comunitárias que supriam as necessidades dos moradores.

Dentro desse contexto, em 1954 surgiu o Ginásio Estadual Primeiro de Maio, atrelado à Escola Estadual Normal Primeiro de Maio³. Este ginásio destinava-se à primeira etapa do ensino secundário, ou seja, não havia relação com o curso normal para a formação de professoras. Era um ginásio para moças, dentro das recomendações da Lei Orgânica do Ensino Secundário (decreto-lei nº 4.244/1942), com duração de quatro anos. Após esse período, as alunas estariam aptas a continuarem estudando no curso colegial clássico, científico ou normal. Entretanto, a continuidade dos estudos não seria realizada neste estabelecimento.

Durante três anos, o Ginásio Estadual Primeiro de Maio permaneceu vinculado à Escola Estadual Normal Primeiro de Maio. Contudo, em 1957, um decreto estadual (nº 7.654/1957) desanexou os cursos ginasiais e colegiais vinculados às escolas normais e institutos de educação do Rio Grande do Sul. Sendo assim, o Ginásio Primeiro de Maio tornou-se uma instituição única, com aproximadamente 400 alunas e 55 professores. Em 1958, ocorreu a mudança de nome da instituição para Ginásio Estadual Cândido José de Godói através do decreto estadual nº 8.803/1958. A escolha do patrono da instituição ocorreu

pelo governador do Rio Grande do Sul no período, Ildo Meneghetti, em homenagem ao seu antigo professor da Escola de Engenharia, precursora da atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesse mesmo ano, outro decreto (nº 9.209/1958) desapropriou uma área de três terrenos localizada na Avenida França, próxima à fábrica da Neugebauer. Essa área ficou destinada a ser o novo local do Ginásio Godói. As obras duraram oito anos, e em 1966 o atual prédio da instituição foi inaugurado. Nesse entremeio, a escola funcionou em diferentes espaços locados pelo estado até a conclusão das obras. Atualmente, a escola permanece localizada nesse espaço do bairro, porém na década de 1970 outras instalações foram construídas além do prédio principal para melhor abrigar as diferentes turmas nos três turnos.

Esses breves comentários sobre a trajetória da escola e do bairro Navegantes compõem parte da pesquisa. Porém, a curiosidade que levou aos questionamentos e à organização da investigação não partiu desse ponto. A ideia da pesquisa surgiu em 2013, pelo cotidiano escolar como professora de turmas do terceiro ano do ensino médio diurno da instituição. Essas turmas possuíam expectativas e preocupações distintas das demais séries, por ser o ano de finalização da educação básica. Além de finalizar a escola, misto de alegrias, preocupações e incertezas com relação ao futuro e aos caminhos a percorrer, surgiram discussões relacionadas à formatura.

O cerimonial de formatura não é novidade ao longo da história da educação. A escola é permeada de ritos, e a formatura compõe o que Arnold Van Genep (2011) intitula de rito de passagem, pois os sujeitos, através dessa cerimônia e desse evento social, passam de alunos a formados, pessoas que concluíram seu processo escolar e estão em outro patamar social (no caso de uma formatura de ensino médio, são concluintes da educação básica e finalizaram um processo escolar de, no mínimo, 12 anos). Por isso Martine Segalen (2002) afirma que alguns eventos escolares podem ser pensados a partir do conceito antropológico de rito⁴, pois proporcio-

² Para saber mais sobre a história do Quarto Distrito de Porto Alegre ver Fortes (2004).

³ Esta instituição de ensino surgiu como um grupo escolar dos filhos dos operários locais. Posteriormente, em 1934, tornou-se o Grupo Escolar Primeiro de Maio. O empresário A. J. Renner doou, em 1938, um terreno para a construção da escola, que ficou pronta em 1941. Entre as décadas de 1940 e 1950, esse estabelecimento foi uma Escola Experimental para os estudos e práticas pedagógicas das normalistas do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Em 1954, tornou-se uma Escola Normal, coincidentemente no mesmo ano em que surgiu o Ginásio Estadual Primeiro de Maio. Para maiores informações ver Silva (2015).

⁴ O conceito de rito é um dos pilares da Antropologia e existem diversos estudos sobre o assunto ao longo dos anos. De maneira geral pode-se afirmar que o rito não está restrito a manifestações religiosas. São eventos sociais especiais, que interrompem o cotidiano do grupo estudado. Segundo Mariza Peirano (2003), podem ser profanos, religiosos, simples, elaborados, festivos ou formais. Esses eventos comunicam mensagens que são compreendidas e respeitadas por aqueles que participam e interagem naquele grupo social. Os ritos são praticados quando se quer exercer uma ação sobre determinadas coisas ou momentos. Para saber mais ver Peirano (2003) e Segalen (2002).

nam significados sociais, modificam a rotina da escola, quebram o tempo linear, aproximam sujeitos e os fazem desempenhar papéis que cotidianamente não executariam, através de palavras, gestos e movimentos excepcionais no cotidiano escolar.

Marilda Iwaya (2002) também argumenta que os ritos escolares são momentos em que a escola se comunica, tanto interna quanto externamente, para a comunidade. Para a autora, as celebrações escolares, a participação de alunos em atividades solenes cívicas, as exposições escolares abertas para o público em geral, as formaturas podem ser consideradas ritos escolares, pois expressam simbolicamente a instituição escolar e quem está envolvido nesse processo de escolarização: alunos, professores, funcionários e direção.

Para os estudantes do Colégio Godói, a formatura não se restringia apenas ao cerimonial e à festa. Houve diferentes momentos ao longo de todo o ano letivo de 2013 que marcaram essa despedida da escola, como os dias temáticos⁵, a confecção de casacos das turmas de terceiros anos⁶ e o dia das tintas⁷, na última semana de aula. Foram episódios que marcaram momentos dentro do ano escolar que se encerrou com a formatura em dezembro. Importante salientar que com o andamento da pesquisa verificou-se que esses momentos não eram exclusivos dos estudantes do Colégio Godói, pois em outras instituições tanto públicas quanto privadas aconteceram eventos parecidos. Foi importante esse olhar para outros locais de ensino, pois indicou que os formandos do Colégio Godói não eram excepcionais em suas criações e na forma de vivenciar esse momento de passagem da escola para um mundo sem a rotina escolar. Além disso, essas repetições poderiam indicar tendências e características que englobassem esses grupos juvenis no contexto histórico atual.

Em conjunto com esses momentos, houve discussões relacionadas com a escolha da produtora, local da cerimônia e festa, quantidade de convidados, escolha e

convites de paraninfos, entre outros aspectos. Essas atividades paralelas e que para muitos estudantes eram mais urgentes e importantes que as conhecidas demandas escolares (aulas, trabalhos e provas, fechamento de trimestres) movimentavam a escola toda. Professores, direção, funcionários, responsáveis e estudantes discutiam, negociavam, brigavam, debatiam e vivenciavam esses aspectos relacionados com a cultura escolar da instituição.

Diante desse panorama e dessas vivências escolares, a curiosidade por compreender a formatura e entender a importância desse ritual para os jovens formandos levou à organização da pesquisa. Essas primeiras observações ocorreram em 2013, porém a pesquisa começou a ser constituída em 2014. À vista disso, os formandos que participaram como sujeitos da pesquisa eram os jovens concluintes do turno da manhã do Colégio Godói em 2014. Nesse ano, havia sete turmas de terceiros anos no diurno, totalizando aproximadamente 209 discentes.

A investigação começou a ser planejada em 2014, e a sua conclusão ocorreu em 2015. Nesse ínterim ocorreram a construção do objeto de pesquisa, análise dos dados, elaboração e escrita. A pesquisa é realizada como um artesanato: aos poucos, com cuidado, e seu resultado final pode ser distinto do que foi imaginado no início do processo. Ao trabalhar na investigação, outras questões surgem, decisões devem ser tomadas, caminhos não imaginados despontam, e tudo vai compondo um produto final diferente daquele imaginado no início.

Para exemplificar essas reviravoltas que ocorrem: a questão orientadora buscava compreender qual a importância da formatura de 2014 para os jovens do terceiro ano diurno do Colégio Godói. Na própria pergunta estava a delimitação temporal, e a ideia inicial não era buscar a historicidade nem da escola e nem das antigas formaturas do Colégio Godói. Entretanto, a instituição possui um Acervo Histórico⁸ com uma variedade de vestígios de suas décadas de existência. Como não

⁵ Os dias temáticos foram ocasiões em que os estudantes do terceiro ano escolheram uma temática para irem vestidos e passarem o recreio fantasiados. As temáticas eram múltiplas (como páscoa, garotos vestidos de garotas e vice-versa, Gre-Nal, hippie) e organizadas a partir de um calendário negociado com a direção escolar.

⁶ O Colégio Godói não possui uniforme; portanto, a escolha dos casacos não foi uma demanda da instituição. Os formandos se organizaram, elaboraram e confeccionaram casacos para cada turma de terceiro ano para serem usados por eles e pelo paraninfo. Em outros anos letivos, o casaco foi substituído por camiseta, mas a ideia é a mesma: destacar que esses sujeitos estão no terceiro ano do ensino médio, em determinada turma e que estão finalizando a educação básica.

⁷ O dia das tintas ocorreu na última semana de aula e o episódio foi semelhante aos trotes dos calouros de faculdade. Os estudantes combinaram com a produtora um dia para, na saída da escola, jogar tinta uns nos outros e comemorar a finalização do ano. Um fotógrafo da produtora acompanhou esse momento e o registrou. As fotos fizeram parte dos produtos negociados e comprados pelos formandos com a empresa e apareceram nos telões antes da cerimônia de formatura para os convidados visualizarem.

⁸ O Acervo Histórico do Colégio Estadual Cândido José de Godói está localizado no saguão de entrada da escola, um espaço pequeno onde estão expostos diferentes tipos de materiais produzidos ou utilizados ao longo dos anos pela instituição. Foi criado na década de 2000 como forma de apresentar e salvaguardar memórias do Colégio Godói. Salienta-se que o Acervo Histórico não possui uma

aproveitar esses materiais para estudar as antigas formaturas da instituição? Logo, outras dúvidas despontaram: como foram organizadas e celebradas as antigas formaturas do Colégio Godói? Será que este ritual escolar se modificou ao longo do tempo? Dessa forma, a pesquisa seguiu por caminhos históricos que enriqueceram a análise dos formandos e da formatura de 2014, pois apresentaram trajetórias históricas percorridas tanto pela instituição (e o bairro onde ela está localizada) quanto por esse rito escolar.

A partir dessas escolhas, o trabalho de pesquisa foi sendo construído. Vasculhando acervos, conversando com professores antigos, pesquisando bibliografias, localizando fontes, analisando os documentos, elaborando questionários e entrevistando estudantes. Os aspectos a serem pesquisados foram definidos dessa forma: primeiro buscar a historicidade do ensino secundário, em seguida investigar os percursos históricos do bairro Navegantes, do Colégio Godói e das antigas formaturas do estabelecimento. Por fim, analisar a importância da formatura do ensino médio para os jovens concluintes de 2014, entendendo que esses jovens são múltiplos, com vivências e experiências distintas. Para essa etapa, foi organizado um questionário aplicado nos primeiros dias de dezembro de 2014, momentos finais do ano letivo e durante os períodos de aulas.

O questionário era anônimo, de livre participação, composto de 23 perguntas com alternativas e sem alternativas de respostas. Pretendia-se explorar quem eram os jovens formandos de 2014 da instituição de ensino, o que eles pensavam sobre a finalização do ensino médio, como sentiam e significavam aquele momento de término da educação básica e de diferentes possibilidades de futuro. De maneira a não se ater somente aos dados fornecidos pelo questionário, procurou-se entrevistar alguns formandos. O convite foi feito nos dias em que o questionário foi aplicado, e voluntariamente seis formandos (quatro garotas e dois garotos) aceitaram conversar sobre essas vivências. As entrevistas foram realizadas dentro da escola de forma individual após o turno da manhã, con-

forme combinado com cada um, e foram gravadas com o consentimento dos jovens.

Isto posto, a próxima seção pretende discorrer sobre alguns conceitos utilizados para a realização dessa pesquisa. Com relação à História da Educação, os conceitos de cultura escolar, rito escolar, rito de passagem contribuíram para a investigação da historicidade das antigas formaturas. Sobre os formandos de 2014, os resultados obtidos pelos questionários e entrevistas foram analisados a partir de estudos e pesquisas sobre as juventudes, de maneira a aproximar as análises da pesquisadora com esse campo de estudo. Além de aspectos teóricos das juventudes, outros conceitos foram utilizados para investigar esta formatura, como a ideia de sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997) e sociedade do consumo, que enriqueceram o olhar sobre o ritual da formatura, momento de celebração, mas também de consumo, em que produtos foram comprados, contratos foram fechados, e os formandos organizaram um espetáculo para ser consumido tanto por eles quanto por seus familiares e amigos.

2 CULTURA ESCOLAR E SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: AS FORMATURAS AO LONGO DOS ANOS NO COLÉGIO GODÓI

Pesquisar sobre as antigas formaturas buscando delinear suas características, mudanças e continuidades é estar em uma zona fronteiriça, que é a História da Educação. Segundo Thaís Fonseca (2003), a História da Educação surgiu inicialmente como uma disciplina escolar, relacionada com a Filosofia e a Pedagogia, com o enfoque de elaborar um conjunto de saberes sobre a história das ideias pedagógicas para a formação de professores. As transformações que a História percorreu ao longo do século XX promoveram alterações no que se entendia por história e nos vestígios que poderiam ser considerados como fontes para constituir trabalhos históricos reconhecidos entre os pares.

Sendo assim, o surgimento das Escola dos Anais⁹ e a sua expansão de fronteiras entre métodos,

sistemática de catalogação, conservação e pesquisa do material que está naquele espaço, nem possui projeto pedagógico ou pessoal destinado a trabalhar naquele local. Dessa forma, é possível perceber que em alguns momentos da história da instituição (principalmente entre as décadas de 1950 e 1970) houve alguém que salvaguardou algumas memórias da escola, seja porque era uma das atividades do serviço, seja porque considerava importante que a escola tivesse sua “história” documentada. A partir da década de 1980 começa a não haver mais esse cuidado, tornando a situação da documentação da década de 1990 e anos 2000 escassa e confusa. Os materiais mais recentes que foram localizados nesse espaço foram simplesmente guardados, sem um cuidado de anexar informações mais recentes ou de os organizar de forma que fossem de fácil acesso para quem quisesse consultá-los.

⁹ A Escola dos Anais foi um movimento historiográfico que surgiu em 1929 a partir da publicação da revista “Anais de História Econômica e Social”, organizada por Marc Bloch e Lucien Febvre. Esses historiadores buscavam combater uma história factual positivista, buscando agregar outras disciplinas e saberes (como Geografia, Ciências Sociais, Psicanálise, etc.) e ampliar as possibilidades de fontes de pesquisa histórica. Os autores que seguiram essas diretrizes de trabalho historiográfico são divididos em gerações, e a revista existe até hoje. Para maiores informações ver Burke (1997).

objetos, fontes e conhecimentos para a pesquisa e a escrita das histórias favoreceram que se pensasse a escola não somente restrita às ideias pedagógicas, porém como um espaço de socialização com distintos personagens, regras, tempos, ritos, materiais didáticos, arquiteturas, legislações, memórias, etc., ou seja, múltiplas historicidades que podem proporcionar trabalhos de investigação histórica que auxiliam a pensar tanto questões educacionais específicas quanto relações sociais mais amplas.

A partir desses novos olhares, o conceito de cultura escolar é importante para explorar a escola como um estabelecimento de ensino e de relações sociais. De acordo com Dominique Julia (2001), estudar a cultura escolar de uma determinada época e local é buscar os entrelaçamentos entre as distintas culturas (políticas, religiosas, populares) daquele contexto histórico.

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p. 10-11).

Sobre este conceito, Antonio Viñao (2002) expõe que a cultura escolar destaca o caráter relativamente autônomo da escola, pois ela não se limita apenas a reproduzir as regras sociais que estão fora da instituição, mas as adapta e as transforma criando um saber e uma cultura próprios. Dessa forma a cultura escolar é também formada por regularidades e tradições que organizam e determinam as formas de ensinar e aprender, sendo um produto histórico que pode e deve ser estudado. O autor defende a ideia de culturas escolares, no plural, pois cada instituição escolar recria e redefine suas regras e modos de viver, que são distintas das demais. Nossella e Buffa (2009) ressaltam que, a partir do conceito de cultura escolar (ou culturas escolares), surgem distintas categorias de análise que foram e são utilizadas para pesquisar instituições escolares. As categorias elencadas pelos autores são:

[...] contexto histórico e circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; vida esco-

lar; o edifício: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; eventos: festas, exposições, desfiles (NOSELLA & BUFFA, 2009, p. 18).

À vista disso, a formatura compõe a cultura escolar como um rito. Já foi mencionada anteriormente a questão de que alguns eventos escolares podem ser considerados ritos. Salienta-se que para a formatura o conceito de rito de passagem do antropólogo Van Gennep (2011) contribuiu para compreender que esse momento especial encerra uma etapa e inicia outra na vida dos formandos. Este antropólogo compreende a sociedade como uma casa dividida em cômodos, sendo que a passagem de um espaço para outro só pode ocorrer através de rituais, momentos especiais que demarcam as posições sociais.

Além disso, são experiências importantes nas vidas daqueles sujeitos que estão no centro do ritual, sendo personagens principais e sofrendo as potencialidades transformadoras do rito. Todas as sociedades necessitam de momentos especiais que transmitam mensagens. A formatura seria um desses momentos que demarcam transformações sociais, ao mesmo tempo que comunicam mensagens que são compreendidas tanto por aqueles que assistem quanto por aqueles que participam ativamente do ritual.

A formatura nos últimos anos proliferou-se em todos os níveis. Desde a universidade, espaço tradicional para formaturas, passando por cursos técnicos, ensino médio, fundamental e jardim de infância. É possível perceber que está cada vez mais sendo criada uma relação entre começar um ciclo de estudos e encerrá-lo com uma cerimônia de formatura. Se a formatura do ensino médio pode ser pensada como um rito de passagem, ela também está inserida na sociedade do consumo e do espetáculo, que tornam momentos rituais como esse produtos a serem consumidos pelo público e por quem está participando ativamente. A contratação de produtoras, a organização do evento e os produtos que serão consumidos, durante e depois do dia da cerimônia, bem como as roupas, maquiagens e produções pessoais de cada formando para o “grande dia” são gastos que ocorrem para que esse rito de passagem se torne um show a ser usufruído.

A ideia de relacionar espetáculo com formatura pode ocorrer de duas formas. No sentido de apresentação, que devido à grandeza do evento se torna um espetáculo que envolve e mobiliza distintos atores sociais (formandos, professores, direção, funcionários, parentes e amigos dos formandos). E outra correlação pode ocorrer se for considerado o espetáculo como aquilo que atrai a atenção e prende o olhar, um conjunto de imagens que impressionam e aprisionam a visão do espectador.

Nesse sentido, pode-se relacionar a formatura com as argumentações apresentadas por Guy Debord (1997) em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*. Para o autor, a sociedade moderna possui as condições de produção que separam o trabalhador do produto de seu trabalho. Dessa forma, a alienação do trabalhador proporciona o desenvolvimento de espetáculos, imagens que se acumulam e representam diferentes aspectos da vida humana. Esses espetáculos são ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção capitalista, tornando a vida em sociedade um aglomerado de representações.

A sociedade do espetáculo seria o momento em que a mercadoria ocupou a vida social em todos os seus aspectos e setores. Por isso, a primeira fase da dominação da economia sobre a vida foi passar do “ser” para o “ter”, o possuir, o consumir e adquirir as mercadorias a partir do seu fetichismo. A segunda parte consiste em passar para o “parecer”, em que o sujeito se torna um consumidor de ilusões, de imagens, em que a mercadoria é a ilusão real desse mundo espetacular (DEBORD, 1997).

A formatura pode ser considerada um exemplo de espetáculo, pois comunica através de imagens mensagens que estão inseridas em uma sociedade capitalista. A analogia direta seria com a quantidade de produtos que são produzidos e consumidos durante esse período da formatura na vida dos formandos. Fotografias, filmagens, convites, roupas, maquiagens, contrato da produtora, “necessidades” que se originam nesse momento do aluno como formando e que vão construindo um discurso do “ter”, consumir para “aparecer” nessa sociedade. A entrada da produtora como organizadora e fornecedora de serviços e produtos que podem ser negociados e comprados pelos formandos é uma das transformações decorrentes dessa sociedade em que os espetáculos vão sendo produzidos infinitamente, devido à dominação da economia sobre a vida social.

Outro conceito que pode ser acrescentado à discussão teórica sobre a formatura é o conceito de socie-

dade de consumo. A sociedade de consumo vai ao encontro das teses de Guy Debord, pois ele também teoriza sobre a sociedade capitalista. Entretanto, o conceito de sociedade do espetáculo permaneceu vinculado a Debord, enquanto que a sociedade de consumo possui relação com diferentes pesquisadores. A sociedade moderna contemporânea possui uma relação diferenciada com a produção e a aquisição de produtos. De acordo com Livia Barbosa (2004), o consumo na sociedade contemporânea extrapola as questões de satisfação de necessidades materiais e de reprodução social. Para os jovens, esse apelo do “ter” pelo “ser” torna-se mais forte, tanto que, para Zygmunt Bauman (2013), a sociedade atual não descarta totalmente os jovens devido ao seu poder de compra:

O que os salva da dispensabilidade total – embora por pouco – e lhes garante certo grau de atenção dos adultos é sua real e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de consumo: a existência de sucessivos escalões de jovens significa o eterno suprimento de “terras virgens”, inexploradas e prontas para cultivo, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível. Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” e ser “comodificado” e explorado (BAUMAN, 2013, p. 52).

O consumo vinculado à formatura transformou esse rito de passagem. Não é mais totalmente um rito escolar, pois uma empresa está intermediando esse momento. Continua sendo um ritual, porém com um terceiro elemento que vende produtos, sonhos, expectativas e desejos. Dependendo da escola e do público pagante, a formatura pode oferecer outros momentos, outras imagens para consumo. No caso do ensino médio, finaliza-se a educação básica, porém consomem-se uma festa e seus derivados (ingressos, luzes, fotos, filmagens, produção pessoal).

Os resultados dos questionários realizados com os formandos de 2014 indicam essa multiplicidade de significados. Alguns consideram a formatura uma festa e um momento de celebrar com os amigos, outros entendem que é um momento esperado (principalmente para aqueles cuja família não possui uma longa trajetória escolar). No entanto, nem todos os formandos realizaram a formatura. Optaram por finalizar a escola e não contratar a produtora por considerarem desnecessário adentrar nesse espetáculo e também por compreenderem que essa formatura não é a “principal”, pois no futuro haverá a cerimônia de colação de grau na faculdade.

Esse questionário contribuiu para pensar nesses sujeitos que estão inseridos no ensino médio. Os estudos sobre juventudes contribuíram para desconstruir essa ideia de aluno como uma categoria única. Quando se estuda juventudes, a pluralidade é o caminho mais rico para não enquadrar esses sujeitos em “gerações X, Y, Z” e compreender que as vivências e arranjos sociais são múltiplos. Dessa forma, a formatura será observada por distintos aspectos e não haverá um único desejo com relação a essa cerimônia de finalização.

Conforme Luís Antonio Groppo (2000), a juventude não é uma moratória social, tempo de passagem entre a infância e a adultez. Nem todos os jovens possuem a chance de seguir este caminho ou, simplesmente, optam por postergá-lo a idades mais avançadas do que se espera socialmente. Segundo o autor, o problema ao se pensar as juventudes é tomar a parte pelo todo. Não se pode estabelecer esse momento de moratória social para todos os sujeitos jovens, pois há outros aspectos que influenciam e delimitam a vida desses sujeitos e que não os inserem nessa “parte” imaginada e exercida por alguns. Diferenças econômicas, sociais, políticas, étnicas, raciais, migratórias, de gênero são fatores que estão presentes e influenciam nas possibilidades de vida dos sujeitos, na sua capacidade de conviver, sobreviver e (re)organizar a vida. Por isso é importante pluralizar o conceito e analisar esses sujeitos a partir da compreensão de que existem juventudes com situações e condições plurais e que podem ser identificadas de maneira distinta dependendo do local da pesquisa, do público analisado e dos pressupostos do pesquisador.

Por fim, essa pesquisa e a maneira como ela foi sendo organizada contribuíram para pensar na historicidade desse ritual de passagem em uma escola estadual. Além disso, aponta questões sobre essa sociedade capitalista que, em sua lógica de consumo e lucro, adentra em todos os âmbitos sociais, inclusive na cultura escolar e nos ritos escolares. Mais caminhos podem ser trilhados, com outras opções teóricas inclusive ou outros locais de pesquisa. A formatura, além de um momento especial na vida dos formandos e seus familiares, é um espaço de reflexão sobre conquistas, produtos, relações sociais e educação.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BRASIL. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 10 abr. 1942. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 4 jan. 2018.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. Caxias do Sul: Educurs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GROppo, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- IWAYA, Marilda. Os rituais e o cotidiano escolar – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940/1960). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: SBHE, 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3103.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018.
- JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281>. Acesso em: 08 jan. 2018.
- MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade de Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º Distrito**. 2010. 354 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Disponível em: <<http://minhateca.com.br/embrancaglioni/Rituais+Ontem+E+Hoje+Mariza+Peirano,5117128.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018.
- RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 7.654, de 8 de fevereiro de 1957. Anexa cursos ginasiais e colegiais de Escolas Normais e Institutos de Educação à Superintendência do Ensino Secundário. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano 15, n. 171, p. 1, 12 fev. 1957.
- RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 8.803, de 11 de março de 1958. Denomina Ginásio Estadual. **Diário Oficial do Es-**

tado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ano 16, n. 198, p. 1, 15 mar. 1958.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto n° 9.209, de 6 de agosto de 1958. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, uma área de terras situada no município de Porto Alegre. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano 16, n. 376, p. 3, 6 ago. 1958a.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Bárbara. V. G. da. **Grand finale?** A conclusão do ensino médio no Colégio Estadual Cândido José de Godói (Porto Alegre/RS, 2014). 2015. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VIÑAO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Morata, 2002.